Vinicius de Moraes/Antonio Carlos Jobim — O planalto deserto

No princípio era o ermo Eram antigas solidões sem mágoa. O altiplano, o infinito descampado No princípio era o agreste: O céu azul, a terra vermelho-pungente E o verde triste do cerrado. Eram antigas solidões banhadas De mansos rios inocentes Por entre as matas recortadas. Não havia ninguém. A solidão Mais parecia um povo inexistente Dizendo coisas sobre nada. Sim, os campos sem alma Pareciam falar, e a voz que vinha Das grandes extensões, dos fundões crepusculares Nem parecia mais ouvir os passos Dos velhos bandeirantes, os rudes pioneiros Que, em busca de ouro e diamantes, Ecoando as quebradas com o tiro de suas armas, A tristeza de seus gritos e o tropel De sua violência contra o índio, estendiam As fronteiras da pátria muito além do limite dos tratados. - Fernão Dias, Anhanguera, Borba Gato, Vós fostes os heróis das primeiras marchas para o oeste, Da conquista do agreste E da grande planície ensimesmada! Mas passastes. E da confluência Das três grandes bacias Dos três gigantes milenares: Amazonas, São Francisco, Rio da Prata;

Do novo teto do mundo, do planalto iluminado Partiram também as velhas tribos malferidas

E as feras aterradas.

E só ficaram as solidões sem mágoa

O sem-termo, o infinito descampado

Onde, nos campos gerais do fim do dia

Se ouvia o grito da perdiz

A que respondia nos estirões de mata à beira dos rios

O pio melancólico do jaó.

E vinha a noite. Nas campinas celestes

Rebrilhavam mais próximas as estrelas

E o Cruzeiro do Sul resplandecente

Parecia destinado

A ser plantado em terra brasileira:

A Grande Cruz alçada

Sobre a noturna mata do cerrado

Para abençoar o novo bandeirante

O desbravador ousado

O ser de conquista

O Homem!

Vinicius de Moraes/Antonio Carlos Jobim, Brasília, Sinfonia da Alvorada